

## Da minha biblioteca

# «Salpicos de vida» em Só mais um abraço, de Maria de Fátima Santos



**Adriana Nogueira**

Classicista  
Professora da Univ. do Algarve  
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Gostei muito deste livro de Maria de Fátima Santos (que já recebera uma menção honrosa no Prémio Literário João Gaspar Simões). É daqueles livros que lemos e não sabemos se é prosa ou poesia, de tão bonito que é. Bonito... talvez não seja este o adjetivo que se esperaria para classificar o conteúdo literário de um livro, mas é o que não me sai da cabeça. Não é que a história seja bonitinha ou as personagens exaltem em beleza. Não é isso. Nem quer dizer que não haja violência, mortes, traições. Que as há. Mas existe nele um tom, uma musicalidade, uma calma (ajudada por uma pontuação onde a exclamação está ausente) que dão harmonia a um conjunto de vozes que se vão fazendo ouvir através de um narrador peculiar.

Mas já lá vamos. Vou primeiro apresentar a autora, que para alguns pode ser menos conhecida.

Maria de Fátima Marques Correia Santos nasceu em Lagos, em 1948, e aposentou-se como professora de Física e Química. Talvez tenha sido essa condição que lhe tem dado tempo – e predisposição – para escrever e pintar. Tem publicado poemas e contos, quer no seu blogue, quer em livro (foi também vencedora de um dos cinco prémios Novos Talentos FNAC Literatura 2012). Quanto ao que desenha e pinta (a que chama «o gosto pelo traço desenhado e pelas tintas»), pode ser visto num dos seus blogues, *Intimarte* (<http://intimarte.blogspot.pt/>). *Só mais um abraço* é o seu primeiro romance. Mas não parece nada, pois não padece de maleita de principiante, que procura mostrar tudo quanto sabe.



'Só mais um abraço' é o primeiro romance de Maria de Fátima Santos

Antes pelo contrário: é uma escrita muito contida, onde as emoções, os sentimentos e as ações ficam-se pela esfera do não-dito e do subentendido.

### «o passado não tem depois nem antes»

Se escrevesse, farias um saltitar no tempo. Salpicos de vida, que o passado não tem depois nem antes» (p.131), diz-nos a narradora, numa frase que resume, de uma maneira muito simples e esclarecedora, o modo como a história nos é contada. E digo «narradora», porque entendi (apesar de isso nunca ser revelado, sendo apenas a minha

opinião) que quem narra é a personagem principal, Maria de Lurdes, uma jovem nascida no Sul e que vai pequenina para África, com os pais. Através de um subterfúgio que lhe permite afastar-se emocionalmente da história, dirige-se a si própria como se fosse outra, através do uso da 2ª pessoa do singular, contando a sua vida, a vida dos seus pais, dos seus irmãos, dos seus amores, dos amores dos outros. Uma história que nunca foi contada, que nunca foi escrita, uma história que apenas conjectura e que não se atreve a adivinhar («Se escrevesse, talvez dissesse do seu cheiro. Mas nem tu escreves, nem a tua mãe retoma o decurso do

tempo» – p.18).

A narrativa saltita, de facto, no tempo, pois a história não nos é contada de uma forma linear (apesar de nunca nos fazer perder o fio à meada). Somos colocados *in medias res*, na selva africana, como se soubéssemos de quê e de quem se está a falar. Logo no primeiro capítulo, fala-se do Afonso (o pai), da Maria Inácia (a mãe) e do Augusto (o vendedor ambulante), como se já os conhecêssemos e cada capítulo que se segue não fizesse mais que nos lembrar de quem foram. No segundo capítulo, há uma analepse onde se conta como foi que Maria de Lurdes nasceu. E os capítulos que se se-

guem (nenhum é numerado ou tem nome) falam-nos, com subtilidade, dos filhos que Maria Inácia teve, da vida que foi vivendo, das mortes a que foi assistindo, das mudanças de casa e de terra, tudo temperado com o calor de África, que desgasta os corpos a ele não habituados.

### «Ainda não sabias que um dia, partirias, apenas tu e ela»

Uma das razões porque a narrativa nos prende (além da elegância da escrita) é o jogo que é feito com os tempos e modos verbais, permitindo a criação de ambientes muito diferentes. Os tempos do passado, esse que não tem «depois nem antes», vão sendo revelados, mas à medida do saber da protagonista, pois se esta não conhece, a narradora só pode tentar deduzir: «Não tens certeza se foi no rosto dele que viste desenharem-se as palavras que cuidas ter ouvido, ou se nem seria mais do que o teu pai dizendo que o Augusto tinha morrido» (p.60).

O abundante uso do imperfeito do conjuntivo, acompanhado do condicional (presente ou pretérito, como no exemplo que se segue), marca a irrealidade,

de, como se tudo não passasse de conjecturas: «Se já então soubesses, terias reparado que o brilho nos olhos do teu pai era um brilho diverso: como se fosse um susto que lhe andasse lá no fundo. Se já então soubesses, terias percebido que o destino desenha futuros no olhar da gente» (p.39).

Outro tempo bastante usado é o futuro que, assim, vaticina o porvir: «tu nunca terás a dádiva das lágrimas e dos soluços» (p.92) «E no abraço que hão-de dar-se, saberás que não são choros que te lavam o rosto mas tão-somente a chuva que cairá intensa nesse inverno na capital do que já fora um vasto Império» (p.105).

### «Não tens certeza do quanto possas ter imaginado»

Uma característica que me agrada neste livro é o facto de não considerar o leitor alguém a quem tem de se contar tudo. Antes pelo contrário: este é um livro cheio de subentendidos, mas de tal forma apresentados que percebemos perfeitamente a situação ou a palavra não dita: «Maria Inácia sempre fora de escrever com a mão direita o que se não dera com Fabíola, e as lutas que a tua mãe teve com a professora da primária que queria corrigir aquele hábito na menina» (p.125-6).

Um livro que nos embala no seu ritmo, que nos envolve na humidade tropical, que nos leva a juntar todos os pontos que foram sendo dispersos na narrativa e a construirmos o seu (nosso) sentido.

Um belíssimo romance, primeira obra literária publicada por uma nova editora, a iwinPress. Dedicada, sobretudo, à publicação de livros eletrónicos de natureza científica e pedagógica, em boa hora não fecharam a edição apenas a estas áreas e fizeram uma incursão pela literatura. Pelo sucesso da escolha, espero que continuem.

## AGENDAR



“AS FLORES ABREM MAIS DEPRESSA AO DOMINGO”  
Até 15 AGO | Galeria de Arte do Convento do Espírito Santo - Loulé

Christine Henry apresenta um tema imensamente divisível, que é a dobra. Há o dobrar, desdobrar, redobrar incessantemente os espaços e as temporalidades da experiência



“CONCERTO DE DAVID GUETTA”  
14 AGO | 19.00 | Estádio Municipal de Quarteira  
Considerado o maior DJ da actualidade e um dos produtores mais requisitados internacionalmente, os espectáculos de David Guetta atraem multidões